Sobradinho – Lembranças.
Por: Maria Santana Ferreira Negreiros.
Biografia e Testemunho.
Publicação independente.
2ª Edição 2016.

Quem me dera agora, que as minhas palavras fossem escritas!

Quem me dera, fossem gravadas num livro!

E que, com pena de ferro, e com chumbo, para sempre fossem esculpidas na rocha.

Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra. (Jó 19:23-25).

SUMÁRIO

Apresentação.....04
Dedicatória.....05
Agradecimentos.....06
A Enxurrada.....07
Farinhada.....20
Companheira de Viagem.....42
O homem de Camisa Preta.....53
A Vida Continua.....70
Vereda.....78
A Casa de Dori.....103
O Velho Olho D'agua.....120
Minha Sorte Mudou.....133
Foi Assim.....134

APRESENTAÇÃO

Quando o tempo passa e vivemos o suficiente, para ter a certeza de que nossa história precisa ser escrita e publicada, sonhamos acordado, imaginando por onde começar.

Maria Santana Ferreira Negreiros acordou desse sonho, escrevendo e publicando: SOBRADINHO LEMBRANÇAS, despertando como se estivesse nos braços de sua mãe, através de lembranças vivas, que nos faz viajar por sua memória escrita neste livro, até Sobradinho, em lembranças de uma vida que tinha mesmo que ser contada em livro.

Privilegiada por sua determinação, a despeito de toda conturbada trajetória de sua vida, desde a infância, passando pela adolescência e chegando a vida adulta, Maria Santana Ferreira Negreiros, apresenta ao púbico leitor, numa narrativa simples e de fácil compreensão, os dilemas, que só se transformaram em história, porque ela conseguiu superar todos os traumas vividos.

Aluízio Negreiros

SOBRADINHO lembranças

DEDICO

Ao meu filho Roger.

A minha inesquecível mãe, Francisca (Chicola),

Ao meu pai Leônidas,

Aos meus irmãos: Marinete, Zé Paulo, Vera Lúcia, Janete,

Paulo Afonso, Lucinete, Paulo Roberto, Paulo Adriano.

AGRADEÇO

Ao meu querido esposo, Aluízio de Macedo Negreiros que esteve sempre ao meu lado, encorajando-me e dando-me sugestões em todo o processo da escrita e revisão deste livro. Sem ele este sonho não teria se realizado.

A ENXURRADA

Ao longe, por trás das matas altas, confundindo-se com o farfalhar das palmeiras agitadas pelo vento, vem vindo à estrondosa e poderosa enxurrada cobrindo os poços do riacho do Saco, correndo pelos vãos das ribanceiras que são escavadas no inverno, todos os anos.

Contemplada agora, pelos meninos de outrora que são hoje os avós e os pais das crianças que gritam com euforia e pavor, na tentativa de alertar aos demais do perigo iminente, que é a tromba d'agua, que vem arrastando galhos e troncos de árvores no canal, onde corria apenas um riachinho inofensivo.

E agora traz diante de si, palmeiras de babaçu, tombadas, quando suas raízes foram escavadas pela fúria das águas de março como brinquedos sinistros da natureza. Roncando avança rumo às mães, que aos gritos alertam os meninos, para ajudarem-nas a recolher as roupas que estão de quarador, pois percebem que a água começa a subir velozmente, pois os lajeiros onde se lavam roupas e banham as crianças serão submersos pelas águas lamacentas que fazem desaparecer a tranquilidade daquele ponto de lazer, que também foi o cenário de inúmeros acontecimentos históricos, como os tradicionais banhos da Semana Santa. Dando lugar à espetacular e sinistra enchente do riacho do Saco.

Mais forte que os chamados das mães é o barulho da enxurrada, correndo poderosa em meio aos gritos das crianças aterrorizadas e dos adultos apavorados que conseguem apenas alertar:

- Olha a enxurrada! Olha a enxurrada!

E ela vem, veloz, furiosa, assustadora e fascinante.

As margens do riacho lotam de curiosos, que surgem atraídos pelo estrondo assustador e maravilhoso, mas não se cansam de admirar aquele fenômeno anos após anos.

Formado por essas trombas d'água, que ocorrem por causa das cheias, provindas das fortes chuvas que caem nas cabeceiras do riacho e também das águas que escorrem exuberantes pelas grotas ao entorno dos dois lados do riacho do Saco, iniciando em meados de dezembro e indo até março do ano seguinte.

Apesar do terror causado pela expectativa certa da cheia, aquilo é uma festa que enche os nossos olhos e deixa os nossos coraçõezinhos aos pulos, quando a tromba d'água aparece ao longe, deixando todas as crianças eufóricas.

Os mais criativos penduram-se perigosamente nos galhos das árvores que pendem sobre a correnteza e tocam a água com os pés, registrando o triunfo histórico dos corajosos para admiração dos mais amedrontados, que por sua vez, esboçam pose de adultos e sentem-se também importantes, por serem mais prudentes que os outros, recebendo assim, a aprovação silenciosa das mães que advertem severamente aos afoitos:

- Sai de perto menino! Senão a enxurrada vai te levar!

E eles, nem aí. Curtem até não querer mais.

Movidos pela curiosidade, queremos ver do começo ao fim, embora aos nossos ouvidos ecoem os gritos de alerta

que só nos deixam mais cheios de expectativa, porque é incrível ver aquele aguaceiro cobrindo tudo, nem dá para acreditar.

Queremos ver a água baixar e descobrir os lajeiros, por onde o riacho corre silencioso e calmo como um sábio que aguarda no anonimato e passivo, para mostrar outra vez, na hora certa, a que veio.

E é assim todo ano.

Lá vem o volume imenso de água, tomando todo o espaço do riacho de uma ribanceira a outra, trazendo entulhos, galhos e troncos secos de árvores, rolando no meio de espumas esbranquiçadas, que se formam com o movimento forte sobre os submersos lajeiros de rochas, que desenham a geografia daquele curso fluvial, que corta boa parte dos povoados da região.

Todos observam atentamente, o majestoso volume da correnteza, que parece viva, trazendo coisas, que de vez enquando surgem boiando e desaparecem; como os objetos deixados à beira do riacho, antes da cheia.

Algumas pessoas olhando de perto tudo aquilo, sorriem.

E os lavradores preveem, falando alto, como num delírio coletivo:

"- O inverno tá bom; este ano não vou perder minha roça"!

Ficamos ali um bom tempo, observando a enxurrada passar, sempre admirados do movimento da água, que muda a sua forma constantemente. Por isso não cansamos de olhar.

Os que são pegos de surpresa, do outro lado, tem que esperar até as águas abaixarem, enquanto os outros, que estão do mesmo lado correspondente ao de suas casas, vão se afastando aos poucos, à medida que o riacho retorna ao seu volume normal.

A euforia transforma-se na deprimente sensação de abandono e solidão, quando as águas passam e deixam em seu rastro, a lama suja e escura que cobrem aquela areia branquinha onde brincávamos, o lajeiro aparece afogado em meio aos galhos de árvores deixados pelas águas que se foram, retratando a tragédia de uma inundação que nos atinge, impressionando-nos com essa cena de tristeza.

E é assim, sempre.

Foi num desses dias, que aconteceu algo curioso comigo.

Nasci nesse lugar e morei ali até nos mudarmos para Nova Área, um povoado do município de São João dos Patos-Maranhão, às margens do lago da Boa Esperança, cuja população era formada por peões que trabalharam na construção da barragem e por lavradores.

Após alguns anos, voltamos para nosso povoado no município de Francisco Ayres. Sentindo-nos outra vez em casa, nos envolvemos nas coisas locais que preenchiam-nos com tanta novidade, que a nossa vivência em Nova Área ficou guardada apenas em lembranças vagas, que às vezes afloravam em conversas ou quando se tinha notícia de alguém de lá.

Sobradinho era um lugar com poucas moradas, além da casa de meu pai e dos meus avós maternos, havia também a do tio Basílio, tio Marcos Ferreira, Apolônio, Marco de Pedro, Petu, Abdias, tio Djalma, tio Gessi, tio Bena, tio Júlio, Juá, Antônia Gama, tio Enoque, Joaquim Gama, tio Messias. Meu avô paterno Antônio de Zeca (o papai Antônio), morava na Vereda, do outro lado do riacho do Saco.

Talvez houvesse outras moradas no Sobradinho, nessa época, mas fogem à memória, resgatada anos depois neste relato.